



Comunicação de  
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 641-648

© Autores

DOI: 10.53455/re.v4i1.163



Recebido em: 30/09/2023

Publicado em: 31/12/2023

# Dispositivos do cinema na geografia escolar: Diferentes percepções da paisagem

## Devices of cinema in school geography: Different perceptions of the landscape

*Isabelle Inácio da Silva<sup>1A</sup>, Marcela Santa Rosa Santos, Penha  
Caroline da Costa Lopes, Débora Schardosin Ferreira*

### Resumo:

**Contexto:** O projeto “Dispositivos do Cinema na Geografia Escolar” é uma parceria com o Colégio Estadual Amazonas e tem como objetivo contribuir para a formação inicial de professores ao desenvolver reflexões teóricas e ações voltadas à análise e utilização de dispositivos de cinema como criadores de geografias. Ele aborda o conceito geográfico de Paisagem para compreender as transformações no espaço escolar, gerando estereótipos de lugares por meio da imagem. As imagens do cinema podem “fabricar” visões de mundo, por isso foi realizado um planejamento de aula pelos licenciandos, utilizando imagens como dispositivos relacionados ao cinema, baseado nas ideias de Santos (1988) e Oliveira Jr. (2009). Uma das atividades foca na produção de imagens para entender a idealização da paisagem e capturar as ações e impressões dos alunos, considerando seu contexto escolar e social. Levando em conta a influência das redes sociais na visão de mundo dos alunos, é possível gerar discussões com conceitos da Geografia. **Metodologia:** A metodologia deste projeto inclui a análise de documentos, observações, entrevistas e questionários aos estudantes, além do planejamento e implementação de oficinas para promover a autorregulação da aprendizagem. **Considerações:** Esta pesquisa tem como objetivo melhorar a formação de professores de Geografia e a prática educativa, considerando a importância de compreender as transformações no espaço escolar e a influência das imagens do cinema na construção de visões de mundo. Reconhece-se também o papel das redes sociais na vida dos alunos e a possibilidade de problematizar essas influências com base nos conceitos da Geografia.

Palavras-Chave: : Escola, Imagem, Paisagem.

### Abstract

**Context:** The project “Dispositivos do Cinema na Geografia Escolar” (Cinema Devices in School Geography) is a partnership with Colégio Estadual Amazonas (Amazonas State School) and aims to contribute to the initial training of teachers by developing theoretical reflections and actions focused on the analysis and use of cinema devices as creators of geographies. It addresses the geographical concept of Landscape to understand the transformations in the school space, generating stereotypes of places through images. Cinema images can “fabricate” worldviews, which is why a lesson plan was developed by the students, using images as cinema-related devices, based on the ideas of Santos (1988) and Oliveira Jr. (2009). One of the activities focuses on the production of images to understand the idealization of the landscape and capture the actions and impressions of the students, considering their school and social context. Taking into account the influence of social networks on students’ worldview, it is possible to generate discussions with geography concepts. **Methodology:** This project uses document analysis, observations, interviews, questionnaires, and workshops to promote self-regulated learning. **Considerations:** This research aims to improve geography teacher training and educational practice by understanding school space transformations, the influence of cinema images on worldviews, and the role of social networks in students’ lives.

**Keywords:** School, Image, Landscape.

<sup>1</sup> - *Graduanda Licenciatura em Geografia. UERJ - Campus Maracanã*

*A - Contato principal: isabelleinacio18@gmail.com*

## Introdução

O trabalho pretende exibir uma atividade prática denominada de “Diferentes Percepções da Paisagem” que pretende discutir as diferentes formas de paisagem e como elas podem ser entendidas através das imagens capturadas a partir das percepções e das vivências de cada indivíduo, relacionando essas vivências com as redes sociais e como a captação das imagens são um recorte da paisagem e conseguem moldar nossa forma de enxergar o mundo. Esta atividade desenvolveu-se como parte do projeto “Dispositivos do cinema na Geografia Escolar”. O projeto ajuda no ensino da graduação, fomentando o cotidiano dos discentes dentro da escola ao compreender a instituição como um lugar geográfico e para isso são utilizadas a noção de dispositivos de cinema “(MIGLIORIN, 2015) como uma pedagogia (Fórum Nicarágua, 2021; Ramos; Barquete; Pipano, 2021);” . Busca desenvolver o ensino de Geografia para além das didáticas de sala de aula para futuros professores deste projeto, por isso, traz para o corpo de discentes de Pedagogia e Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), auxiliando no campo do estudo e o olhar mais próximo aos alunos para estimular interpretação de mundo e no ambiente escolar.

Este projeto, assim, desenvolve-se em parceria com o Colégio Estadual Amazonas, que este ano de 2023 implantou a nova reforma do Ensino Médio (NEM) e está localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O Colégio desde agosto de 2022, nos recebe com visitas semanais contando com a presença da coordenadora e bolsistas. As visitas da turma à escola têm o potencial de colaborar com ações de ensino, assim como, a participação dos professores da escola e as demais atividades previstas para a comunidade escolar, assim, contribuindo em ações culturais.

Os dispositivos de cinema auxiliam na compreensão dos conceitos da Geografia, pois sua prática permite uma pedagogia mais dinâmica, contendo a participação mais ativa dos alunos ao contrário de uma aula apenas com a utilização do material didático e estagnada nos conteúdos de um currículo “pré-estabelecido”. O plano de aula pensado semanalmente para as atividades, procura entender o espaço escolar em uma contínua pesquisa em que há a criação de materiais didáticos a partir destes experimentos com dispositivos de cinema na escola. O processo ocorre empregando, inclusive, as constantes transformações dentro desse espaço, de maneira que os alunos tragam reflexões que se perpetuem para além do que seria uma disciplina de Geografia, ponderando conhecimentos de suas próprias vivências e da extensão dentro e ao redor da escola.

Neste trabalho será apresentada uma das atividades realizadas, em que são produzidas as imagens como principal foco, a fim de entender a idealização do que é paisagem como imagem e como são construídos modelos como representações ao pensar em uma. Sempre trazendo ações e impressões dos alunos, entendendo que cada um carrega consigo e assimilando o contexto escolar e social que estes alunos estão inseridos. Portanto, aperfeiçoar sobre as geografias que vivem levando em conta suas trajetórias anteriores da escola e dentro dela e problematizando seus saberes sobre o espaço.

Sendo assim, o presente trabalho apresenta uma atividade que teve como objetivos, a) problematizar o conceito de paisagem; b) discutir as diferentes formas de paisagem e como elas podem ser entendidas através das imagens capturadas a partir das percepções e das vivências de cada indivíduo; c) Compreender que as imagens são um recorte da paisagem que produzem como a gente vê o mundo.

## Nossas leituras

Através de práticas que envolvam o uso de imagens, é possível trabalhar uma “geografia menor”. Para explicar esse termo, Wenceslao Oliveira Jr (2009) utiliza as ideias do livro *A menor das Ecologias* de Ana Godoy (2008; p.52 apud Oliveira Jr, 2009). Os termos “maior” e “menor” não são antagônicos, e nenhum deles se sobrepõe ao outro. Ela explica que “trata-se de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência.” A partir deste conceito, conclui-se que, Geografia maior é o conhecimento institucionalizado, e quase sempre transmitido aos alunos de um modo tradicional. No entanto, as “Geografias menores” são práticas que não são necessariamente relacionadas a geografia, mas tornam possível o desenvolvimento de uma geografia maior, a partir da própria realidade dos alunos.

A imagem é um excelente problematizador sobre os espaços, e através dela é possível a criação de uma

Geografia maior. As imagens presentificam um determinado momento, e de forma não verbal têm muito a dizer aos seus espectadores, pois podem suscitar reflexões acerca do espaço geográfico. (Oliveira Jr; 2009)

Ou seja, através das imagens, é possível analisar as mudanças ocorridas no espaço, e descobrir a história de um local e sua população, pois essas informações estão impregnadas na paisagem. No entanto, como argumenta Oliveira Jr (2009), é necessário considerar que nem sempre um espaço será visto e lembrado por sua totalidade, mas sim pela forma como é representado e veiculado às pessoas, pois as imagens cotidianas apresentam o mundo de uma única forma, perpetuando uma maneira de imaginar o espaço. O autor também comenta que

[...]conhecer o espaço é pensar sobre como ele é inventado diariamente diante de nós pelas câmeras fotográficas e pelas narrativas da tevê, e sobre como ele é criado em nossas próprias práticas educativas, onde aparecem muitos mapas, fotografias, filmes, pinturas e outras tantas imagens. (p.23)

A partir do imaginário sobre as paisagens do Brasil, é muito comum que se associe, por exemplo, uma paisagem intensamente urbanizada à região sudeste ou sul do Brasil, aridez, ao nordeste, frio e neve a países ricos, etc. Esses estereótipos criam oportunidades de discussão com os alunos, de modo a questionar essas generalizações construídas acerca de certas paisagens. Essas generalizações são responsáveis por moldar a concepção dos alunos sobre o lugar em que vivem. É comum ouvir de brasileiros comentários depreciativos sobre o seu próprio país, enquanto enaltece lugares que só tiveram contato através de imagens. Esse comportamento negativo é endossado pelos filmes, programas de televisão e atualmente pelas redes sociais, pois esses veículos são capazes de estabelecer estereótipos.

Milton Santos no livro “Metamorfoses do espaço habitado” fala sobre uma Geografia da Percepção, em que que a paisagem é o que é apreendido pelo sujeito através dos sentidos, não apenas pela visão, visto que ela “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 1988, p. 61). Por isso, a partir de suas próprias experiências sensoriais, cada indivíduo terá sua própria concepção do que é belo e aconchegante, ou, feio e repulsivo.

Sendo assim, produzir imagens é muito vantajoso na construção do conhecimento geográfico, pois a partir delas, o educador pode descobrir o modo como os alunos enxergam o mundo e identificar o que está por trás dessas concepções, se foram produzidas por suas próprias experimentações, ou se são reflexo do que geralmente lhes é transmitido, principalmente pelas redes sociais. Saber a opinião deles vai possibilitar ajudá-los a desenvolver um conceito equilibrado sobre os lugares e sua cultura.

Nesta oficina, a produção de imagens foi realizada pelos próprios alunos. Migliorin e Pipano (2019) utilizaram o termo “camerar” para descrever esse processo, onde o aprendizado é realizado de forma livre, “sem dever nada à gramática cinematográfica, que condenaria a oscilante câmera na mão como consequência da inabilidade de seu / sua operador/a.”(p. 150)

## Nosso planejamento

O projeto com uma postura metodológica cartográfica tem a intenção de percorrer caminhos mais abertos e que não ocorra de uma forma fechada previamente, com procedimentos lineares e rígidos a serem seguidos de forma padronizada. Com isto, a metodologia tanto o planejamento da oficina elaborada pelos bolsistas se mantém aberta para que seus próprios caminhos possam ser livres durante o processo de idealização, além de permitir a criatividade dos alunos. Assim, é importante ressaltar as colocações de Meyer e Paraíso (2012), quando dizem que metodologia nesta perspectiva é algo mais livre e que esta postura cartográfica é “um modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações”(p.16).

Essa postura metodológica se afasta daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não ajudam a construir possibilidades de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar. Deste modo, através da recriação de dispositivos de cinema, procuramos mobilizar conceitos da Geografia, como os de Paisagem e Espaço, e como isso se dá na produção de uma imagem e seus estereótipos.

Todavia, como maioria discentes de licenciatura neste projeto, consideramos a necessidade de

planejamento prévio como forma de organizar o fazer docente e por quais caminhos queremos mediar a oficina. Dessa maneira, o planejamento coletivo é uma estratégia de trabalho, que se caracteriza pela integração de todos os setores num processo de solução de problemas comuns e realização das ações pensadas coletivamente. (LUFT & SCHMITT, 2017)

A atividade realizada no Colégio Estadual Amazonas, no dia 26/04/2023 para a turma do 2º ano do Ensino Médio foi planejada e dividida em momentos com aproximadamente 10 e 15 minutos de execução, pois o tempo de aula é de 50 minutos. Sendo assim, cada momento correspondeu a seguinte etapas abaixo:

- **Primeiro momento:** Discussão e anotações sobre aspectos que os alunos acreditam que são e têm na paisagem;
- **Segundo momento:** Pedir a eles uma foto de alguma Paisagem que tenha na galeria dos seus smartphones. Questionar a eles, “por que acham que aquela foto é uma paisagem?”. Com isso, explicar sobre estereótipos que são produzidos com as paisagens das imagens, utilizando auxílio de slides com fotos de diferentes cidades e relacionando com cenas de filmes;
- **Terceiro momento:** Divisão dos alunos em grupos, para que fosse tirado uma foto de algum espaço da escola que não fosse um estereótipo;
- **Quarto momento:** Retornar à sala e debater por que aquele espaço lhe chamou atenção e pensar sobre isso no âmbito das suas redes sociais. E também, a proposta de uma atividade de fixação.

## Nossas experimentações: O projeto e a escola

Nosso projeto atua semanalmente no Colégio Estadual Amazonas, que está situado no bairro de Cosmos, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. É nosso segundo semestre de trabalho na escola, sendo que no semestre passado só atuamos de forma experimental já que a mesma ainda estava se organizando por conta do retorno após a pandemia da COVID-19 e também estava tentando entender como seria a implementação do Novo Ensino Médio. Pensando no projeto, nosso trabalho de forma experimental em 2022 foi importante para criarmos laços com a escola, mas em contrapartida, com a implantação do Novo Ensino Médio - NEM em 2023, não conseguimos dar continuidade com os mesmos alunos que trabalhamos ano passado. Conforme pudemos observar em nossas atividade, a escola não teve muitas “escolhas” para sobre os itinerários que seriam implantados, pois isso foi de acordo com a formação do grupo de professores que havia disponível e, ainda, os estudantes também não puderam escolher dentre as poucas opções, porque o espaço físico da escola não se adequaria à proposta. Assim, o professor que colabora com o projeto possui licenciatura em Ciências Sociais, mas anteriormente lecionava Filosofia e, agora com a NEM, o que lhe restou foi o itinerário “Políticas Públicas”. Percebe-se que, atualmente, tanto a turma de 2º ano em que trabalhamos, como seus professores têm dificuldades para se adaptar a este NEM e algumas vezes entram em conflitos com nossos planejamentos. Inclusive tem sido uma dificuldade o projeto atuar em dois tempos disponibilizados dentro deste itinerário, pois como o tempo é curto sempre temos que cronometrar certinho nossas dinâmicas.

Em nossas visitas ao colégio, foi possível analisar o contexto espacial que a mesma se encontra, mas também a sua estrutura física. Por conta da instituição ter sido desligada e reativada em outro endereço, há menos de uma década, sua estrutura não parece preparada para receber a quantidade de alunos que abriga. Ou seja, antes mesmo do NEM em nível federal, as próprias administrações estaduais já possuem uma longa trajetória de precarização deste nível de ensino como, por exemplo, o fechamento de turmas e escolas.

Observamos que o colégio possui poucos espaços abertos de convivência, as salas são pouco espaçosas e há uma dificuldade em articular algumas atividades dentro deste ambiente, como por exemplo a sala que utilizamos que não apresenta quadro e por vezes temos que levar cartolina ou folhas A4 e improvisar como quadro para anotar as ideias discutidas com os alunos. O contraditório é que esta foi uma sala em que a administração estadual ordenou o desmonte da antiga sala de informática para implantação de uma “Sala *Maker*”<sup>1</sup>. Além disso, a dificuldade com a tecnologia é muito evidente, pois os alunos não têm acesso a rede

1 “É um programa da Secretaria de Estado de Educação que será feito em todas as escolas da rede. Trata-se de um ambiente de aprendizado que vai permitir aos estudantes a possibilidade de criar, experimentar e compartilhar soluções. Não será necessário conhecimento prévio, o que oportuniza a construção e troca de múltiplas experiências na busca da solução de problemas, sejam eles relacionados ao contexto escolar

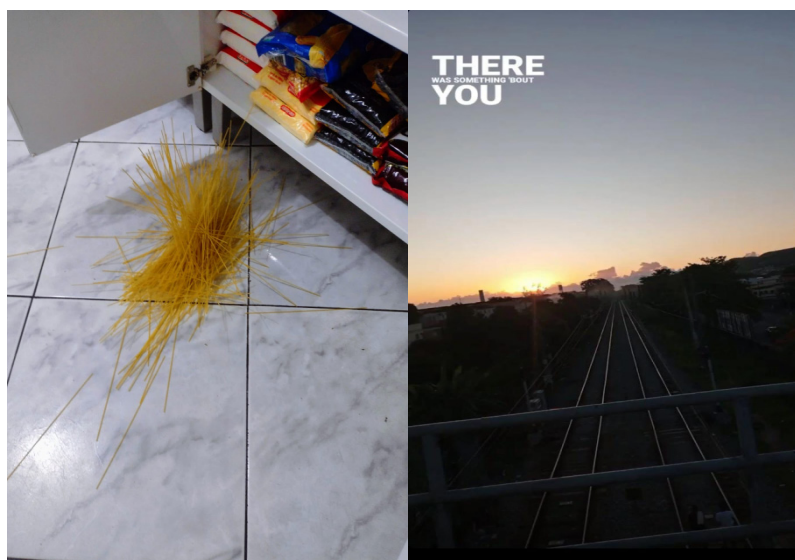
wifi da escola o que torna o processo de compartilhamento de atividades com eles complicado, que só foi solucionado por meio da criação de um grupo de *Whatsapp* e do roteamento de internet dos integrantes do projeto.

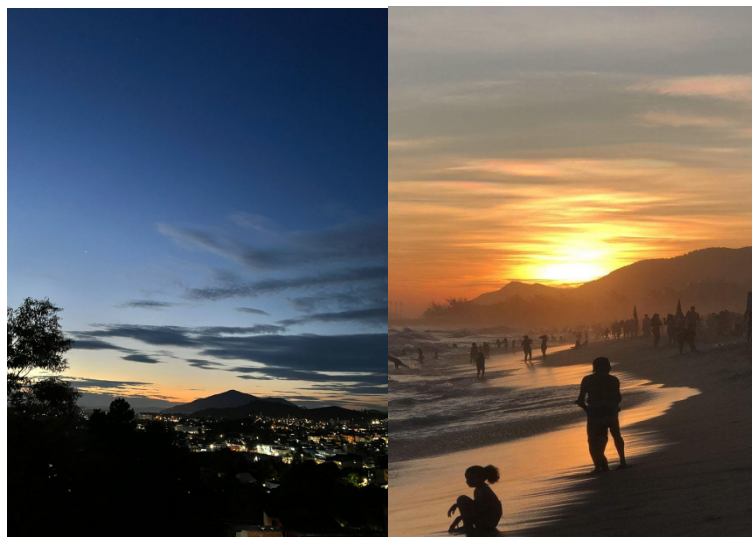
Analisando as atividades propostas aos estudantes observa-se que eles têm interesse no projeto, mas cabe ressaltar que algumas vezes é percebido o desinteresse ou falta de motivação, o que a cada encontro nos faz repensar estes desafios como pistas para nosso processo de pesquisa em uma postura cartográfica. É notável que a atenção deles aumenta quando eles possuem atividades menos expositivas ou em dinâmicas em que ficam mais descontraídos, com seus corpos não presos a uma única atenção: o docente.

Na atividade, “Diferentes Percepções da Paisagem”, foi possível perceber que os alunos têm grandes noção de reconhecer cidades diferentes, pois nós levamos para eles uma apresentação com diferentes fotos de cidades espalhadas pelo mundo. Isso porque o nosso objetivo com estas imagens era compreender que as imagens são um recorte da paisagem que produzem como a gente vê o mundo e por muitas vezes por meio das redes sociais criamos estereótipos sobre alguns espaços. Os alunos encararam como um jogo de adivinhação e foi muito divertido a participação deles na tentativa de descobrir. Esta parte da atividade mostrou que as redes sociais são uma importante fonte para o reconhecimento de diferentes lugares do mundo, pois muitos relataram que conheciam certas cidades por conta de vídeos do *Tik Tok*. Porém, trouxe à tona os estereótipos que temos de certos locais, principalmente quando colocamos lado a lado as cidades da costa oeste dos EUA e uma comunidade da Colômbia e outra do Brasil. E que no primeiro caso eles achavam que não era cidades no mesmo país e no segundo caso eles achavam que só se tratava de Brasil, como se comunidades, popularmente conhecida como favela fosse um fato apenas brasileiro. Propusemos isso porque as imagens tem o poder de re(a)apresentação de algo e de construir o mundo. Logo, esse exercício é importante, pois podemos mostrar para os alunos que certas características que são criadas não são fenômenos de apenas um determinado local, como é o caso das favelas.

Neste sentido, com essa proposta problematizar a representação que construímos através das imagens, nós provocamos os discentes para mostrar o que pensam sobre Paisagem e que tipo de fotos eles tinham sobre esse conceito. Pode-se perceber que na maioria dos casos eram lugares bonitos e com uma estética para *post* de redes sociais. Além disso, fomos colocados em uma prova quando um aluno relatou pra gente que não gosta de tirar foto, foi um pouco chocante, mas ele não segue a tendência de produzir imagens e apresentou uma visão de produzir imagens com uma estética totalmente diferente dos demais. As fotos apresentadas pelos alunos foram extremamente interessantes (FIGURA 1), como a do aluno que quebra os padrões e outras seguindo os padrões de lugares que frequentam ou frequentaram, como a Estação de Trem, Praia do Recreio e vista de Cosmo (esquerda para direita).

Figura 1 - Fotos produzidas pelos alunos.





*Fonte: Estudantes do Colégio Amazonas*

Após esse debate sobre padrões, fomos para nossa atividade prática em que foi proposto produzir imagens como a Paisagem sem qualquer tipo de estética e sem ser o que é belo. Deste modo, foram divididos os grupos de alunos para que eles tirassem fotos de diferentes espaços da escola de acordo com o que chamava a atenção deles e/ou despertasse algum tipo de sentimento. Os registros abaixo são os que mais chamaram nossa atenção quando recebemos.

Figura 2 - Fotos produzidas pelos alunos.



*Fonte: Estudantes do Colégio Amazonas*

Após a atividade prática com retorno dos discentes a sala maker começamos receber as imagens feitas pelos alunos. A maioria dos alunos ficaram com vergonha e não se mostraram muito participativos, mas ouvimos algumas reflexões do tipo: “gosto desse espaço, pois é onde almoço com meus amigos”, “acho a biblioteca um ambiente acolhedor”, “esta área verde é muito bonita”, “queria mostrar o que tem em cima dessa sacada”, e ainda, uma declaração muito curiosa: “me incomoda ter um forno velho no corredor e me questiono dele tá ali, já que o lugar dele é a cozinha”.

Assim, para encerrar nossa oficina tínhamos levado para eles exercícios de fixação, pois supomos que algumas didáticas tradicionais da sala de aula são necessárias visto que eles nos compreendem como “não professoras” por não sermos da escola. Concluímos neste processo do projeto que algumas semelhanças com uma “aula tradicional” podem trazer mais interesse deles pelas oficinas. Entretanto, também estamos aprendendo os “tempos da escola” o que fez com que esta atividade de fixação escrita, por conta do horário de saída, fosse completada parcialmente.

## Considerações finais

Durante a realização da prática citada acima, bem como de outras que não foram incluídas no presente trabalho, foi possível notar a adesão dos alunos, que, segundo o professor responsável por eles durante as visitas semanais do projeto, são muito participativos, pois preferem aulas que fogem do método tradicional expositivo.

Neste contexto, foi perceptível com a atividade que os alunos possuem um padrão de fotografia muito relacionado à estética das redes sociais. Isto fica sempre muito evidente quando é solicitado algum material visual, pois a utilização desse meio faz parte do cotidiano deles. Dessa forma, a nossa atividade buscou relacionar os conceitos geográficos que no ensino tradicional ficam sempre mais de forma expositiva com questões da vivência dos alunos e trazendo para uma perspectiva de reflexão e questionamento, mostrando que as redes sociais e suas possibilidade de produzir imagens dos espaços pode ser problematizada com auxílio de conceitos da Geografia e que para este fim a didática não precisa ser somente aulas expositivas e nem, necessariamente, uma aula com uma disciplina com o nome “Geografia”. Tem sido um grande desafio não tornar as atividades uma aula facilmente reconhecível como “Geografia”, no modo como estamos acostumados na escola e, muito menos, nos submetermos ao “itinerário políticas públicas” do NEM.

Portanto, podemos concluir que com a atividade conseguimos trazer uma outra perspectiva para essas categorias de análise da Geografia em que aproximamos a vivência deles com o ensino. As redes sociais fazem parte de como veem o mundo e se a Geografia Escolar quer problematizar isso, precisa primeiro entender como os estudantes estão o re(a)presentando, por exemplo, através da categoria de análise paisagem, objetivo desta oficina.

É importante pontuar que os alunos não encaram o colégio como um ambiente acolhedor, o que, por vezes, prejudica nossas atividades, já que eles pensam naquele espaço como uma obrigação. Sendo assim, tanto nesta como nas outras oficinas que produzimos buscamos que se sintam parte do processo de valorização e reelaboração dos seus saberes. Desta forma, acreditamos que conseguimos alcançar nossos objetivos com a aula, pois junto com o conceito de imagem e como ela pode criar espaços pudemos ligar a Geografia e trazer uma perspectiva crítica sobre as representações produzidas dos espaços.

## Créditos

Isabelle Inácio da Silva - Manuscrito original

Marcela Santa Rosa Santos - Manuscrito original

Penha Caroline da Costa Lopes - Manuscrito original

Débora Schardosin Ferreira – supervisão e revisão

## Referências bibliográficas

FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D.). A Pedagogia do Dispositivo: Pistas para Criação com Imagens. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (org). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. Macaé: Editora NUPEM. 2021.

LUFT, H. M., & SCHMITT, D. L. **EDUCAÇÃO POPULAR: ESCOLA, SALA DE AULA E PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**. *Revista Contexto & Educação*, 32(101), 2017.p. 29–51. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2017.101.29-51>. Acesso em Jun./2023

PIPANO, Isaac ; MIGLIORIN, CEZAR . Camerar um ponto de ver: a pedagogia das imagens em Boa Água. *Rebeca* , v. 8, p. 143-157, 2019.

RAMOS, A. B.; BARQUETE, F. L.; PIPANO, I. A pedagogia dos dispositivos: um método para a educação audiovisual (Texto online). **Semente: educação audiovisual**. 2021. Disponível em <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/2021/05/06/a-pedagogia-do-dispositivo-um-metodo-para-a-educacao-audiovisual/>. Acesso em Maio/2023

SANTOS. Milton. **METAMORFOSE DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos Teórico e metodológico. Hucitec. São Paulo, 1988.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. **Pro-Posições** (UNICAMP.) , v. 20, p. 7-19, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qJyszWwyZjGLvnnBvHFWFJM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em Maio/2023.

PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições,2012. P. 15-22.